A VOZ DO COMERCIO

QUINZENARIO DOS CONTABILISTAS E GUARDA-LIVROS

IGNIS-PORTO

ASSINATURAS
(Pagamento trimestral adeantado)
CONTINENTE . . . . . 6$00
COLONIAS . . . . . 13$00
ESTRANGEIRO . . . . . 28$00
Numero avulso—1$50
Redacção e Administração
R. Santa Catarina, 502—PORTO—(Portugal)

DIRECTOR EADMINISTRADOR
ANTONIO MARTINS DA FONSECA
REDACTOR
LICINIO A. F. DE SOUSA
EDITOR
ALBERTO FENANDES LEAL

Toda a correspondencia deve ser dirigida á Redacção.

OS ORIGINAIS NÃO SE RESTITUEM

Comp. e imp. na Tipografia ARTES & LETRAS
Rua Fernandes Tomás, 915—PORTO

1.º ano | Pôrto, 1 de Fevereiro de 1929 | N.º 3

LUCA PACIOLO

No *adversaria* dos romanos, no *codex* ou *tabulae rationum* e no *codex accepti et expensi*, que formavam o conjuncto dos seus livros de caracter mercantil e patrimonial, escriptores distinctissimos têm pretendido encontrar um systema de escripturação subordinado ao methodo das partidas dobradas. O historiador **Liebuhr** é um delles.

Em 1820 descobriu **Liebuhr**, no Vaticano, alguns fragmentos de uma oração de **Cicero** pronunciada em defeza de **Fonteio**, questor accusado de peculato.

Commentando esses periodos do summo orador, **Liebuhr** assim se exprime:

—«Quem conhece o modo de escripturar a que nós allemães chamamos italiano, e os transalpinos por partidas dobradas, terá visto já que era esse por certo o methodo empregado pelos banqueiros e negociantes. O que parece é que esse methodo não foi inventado, como dizem, ha setecentos ou oitocentos annos apenas, mas existe na Italia desde os mais remotos tempos romanos».

E logo em seguida:

—«Grande força tem este lance como prova do que disse, isto é, que as *tabulae* dos romanos eram da mesma natureza daquellas a que os allemães chamam italianas».

A critica esclarecida, porem, ha muito destruiu esta asserção do famoso historiador allemão.

Nenhuma prova cabal existe de que os registros dos romanos apresentassem o que nós hoje chamamos balanços das contas, isto é, a egualdade entre a somma de todos os debitos e a somma de todos os creditos, — consequencia do principio fundamental do methodo de que não pode surgir um debito sem que surja contemporaneamente um credito equivalente, não póde nascer um direito avaliado sem que appareça ao mesmo tempo uma egual obrigação.

Quando não bastasse a fraqueza dos argumentos de **Liebuhr**, tinhamos ahi, para magistralmente rebater as suas palavras, a obra ponderosa de **Giovanni Rossi** — *La Computisteria dei Romani*—edição de 1906 — Roma, — em que o illustre professor, com serias e fundadas razões, impugna a possibilidade de haverem os romanos conhecido as partidas dobradas.

Bariola, ao contrario, propende a acceitar a opinião de que tal methodo já era praticado por aquelle robusto e aspero povo. Incontroverso nada existe. Conhecemos apenas os instrumentos ou registros de que se serviam os romanos para a escripturação de suas contas sem podermos, ao certo, dizer qual o methodo empregado. O *adversaria* era o registro das primeiras notas, escripto sem maior cuidado. Era como o nosso memorial de hoje.

Ha, no entanto, divergencias profundas quanto ao nome deste livro considerado em sua significação.

Segundo uns chamava-se elle *adversaria* porque «*animum et memoriam nostram advertant*», ao parecer de outros porque as suas paginas, ou, melhor, as suas taboletas, continham inscripções em ambas as faces, no verso e no anverso, na parte *aversa* e *adversa*, ao passo que nas folhas dos outros livros, de papyro de pergaminho, escrevia-se de um lado só. (Fabio Besta).

Como quer que seja, o *adversaria* era um livro de primeiras notas.

Disto temos a prova em **Cicero**, clara, positiva, irrefragavel, quando o excelso tribuno, na oração *pro Roscio*, lança esta larga, sonora interrogação:

—«*Quid est, quod negligenter scribamus adversaria?*»

Porque escrevemos negligentemente no *adversaria?*

Escripto negligentemente, o *adversaria* não tinha força de prova em juizo. E' ainda nessa famosa oração de **Cicero** que aprendemos isto. **Roscio**, levado a juizo por divida, encarrega **Cicero** de sua defeza. Vendo o summo orador que o credor exigente apresenta ao juiz, não o *codex* mas o *adversaria*, exclama, numa rajada de indignação:

— «Adduzir o texto do *codex*, em logar de testemunha, é arrogancia.

Mas não será loucura exibir o *adversaria*, com as suas annotações e cancellementos?» «*Suum codicem testis loco recitare arrogantiae est: suarum prescriptionum et literarum adversaria proferre non amentia est?*» (Citação de **Bariola**).

O celebre jurisconsulto **Stracca** nos diz que era o *adversaria* um livro ou registro em que, por memoria, negligentemente e sem nenhuma ordem, lançavam os commerciantes as suas primeiras notas. «*Sunt enim adversaria libelli in quibus mercatores primum rationes accepti et expensi negligenter, sine ordine conscribunt, et memoriaegratia*». (Citação de **Fabio Besta**).

O codex accepti et expensi segundo uns era um diario, como modernamente o entendemos, segundo outros era um livro de natureza especial, de caracter eminentemente juridico, livro em que, em ordem chronologica, se registravam os direitos e obrigações nascidas das

operações, contractadas. No *codex accepti et expensi* dava-se em resumo, fórma escripta ao contracto. Era ele um registro *sui generis*, de fórma, porém, não de caracter de um livro de escripturação propriamente dito, cuja existencia não teria hoje razão de ser porque já é outra a mechanica do credito, aperfeiçoada com a introducção da letra de cambio, da nota promissoria, do cheque, da carta de credito, de todos estes titulos que a pouco e pouco vieram substituindo as antigas formulas solemnes dos contractos. **(Bariola)**. O eminente **Fabio Besta** vê no *codex accepti et expensi* um livro caixa como os de hoje. Funda-se a opinião do incomparavel mestre no facto de que em **Cicero** se nos depara prova cabal de que o *codex accepti et expensi* podia dividir-se em dois, — em livro ou em *codex accepti*, e em livro ou *codex expensi*. Alem disto, *accepti et expensi* sôa como receita e despeza. Qual fosse a funcção do *codex accepti et expensi* é, pois, materia controvertida. Diario, caixa, um livro de caracter puramente contractual? Ninguem cabalmente o diz. O *codex* ou *tabulae rationum*, esse era o nosso razão.

A sua funcção era toda economica — apresentava a situação patrimonial do proprietario. Havia nelle a conta do trigo, a conta do vinho, as contas dos devedores, as contas dos credores. De resto *tabulae rationum* é como quem diz—taboas das contas.

Tambem o *codex rationum* tinha importancia juridica, as suas *tabulae* podiam fazer prova em juizo— diz **Bariola.**

Fabio Besta combate esta affirmação de **Bariola** e opina que só o *codex accepti et expensi* tinha importancia juridica. «Que garantia, pergunta elle, poderia offerecer um razão por si só, sendo elle um livro que se não escriptura em ordem chronologica e onde a qualquer momento se pódem lançar partidas com antigas datas?» Como quer que seja—era o *codex rationum* o nosso razão e o *adversaria* o nosso memorial. Aquelles, porem, a quem no complexo systema dos livros romanos se depara já o methodo das partidas dobradas nenhuma prova séria nos apresentam.

Sabeis, senhores, que o methodo das partidas dobradas exige a creação de tres series de contas: a serie das contas dos agentes—consignatarios dos valores de movimento, a serie das contas dos correspondentes e a serie das contas do proprietario. As duas primeiras se dizem das contas integraes, contas patrimoniaes ou especificas. A terceira se diz das contas differenciaes ou economicas. É evidente, senhores, que os romanos tiveram a primeira e a segunda serie de contas, sem as quaes não poderiam elles ter em evidencia os elementos dos seus patrimonios. Mas a terceira?

Quem nomeando titulos, que então se empregavam, nos mostrou jámais o de uma conta economica ou differencial? Que methodo empregavam os romanos em sua escripturação? Ninguem o diz com perfeita segurança.

Mas a duvida não cessa ahi. Há quem veja nos registros dos antigos gregos o methodo das partidas dobradas.

Em 1873, na *Revue des Deux Mondes*, **Perrot,** falando de **Demosthenes** e seus contemporaneos, lança este juizo extravagante — « Os banqueiros tinham diarios e registros a que alludem frequentemente os oradores e outros escriptores antigos. A sua escripturação era por partidas dobradas.

Partidas dobradas porque? Qual a prova? Nenhuma. Deste modo tudo se pode affirmar. **(Bariola)**

Da **Grecia** antiga sabemos apenas que a escripturação ahi tinha importancia publica, sem conhecermos, todavia, nenhum dos seus methodos. Das primeiras manifestações da escripturação na India, no Egypto, e sobre tudo entre os mercadores phenicios, nenhuma noticia possuimos hoje. O que sabemos positivamente é que em 1340 a escripturação por partidas dobradas era já adulta. Prova-o esse famoso *Livro della Masseria*, da communa de Genova, descoberto pelo illustre **Cornelio Desimoni,** director ahi de um archivo publico. O *Livro della Masseria* está escripto em latim. O illustradissimo **Fabio Besta** examina-o e chega á conclusão de que nelle são authenticas as partidas dobradas.

Não ha duvida, pois. Sobre a origem das partidas dobradas ainda se não proferiu a ultima palavra.

É necessario acabar de vez com esse erro grosseiro de que o methodo foi inventado por um frade...

Acabemos com esse erro, mas não deixemos passar este outro, mais grosseiro, talvez de **E. Mansuy**, de que **Paciolo**, autor do primeiro tratado de escripturação por partidas dobradas, não tem nada de coummum com o frade **Luca Paciolo**:

— « *Le frère Luc dont parle de la Porte paraît être le mathématique Luca Paccioli, moine franciscain, né à Burgo-Saint-Sepulcre, et connu aussi sous les noms de Luc Paciolo, Lucca di Burgo, Lucas Pacíolus e Burgo Saint-Sepulchri. Ses biographes ne citent de lui aucun ouvrage en italien; les titres qu'ils rapportent sont en latin et paraissent désigner uniquement des travaux sur l'algèbre et les mathématiques pures. Il est très possible que le frère Luc n'ait rien de commum avec Luca Pacioli. La seule chose qui, malheuresement, paraisse certaine, c'est que le traité de tenue des livres de 1495 est perdu depuis longtemps.*

Console-se o Sr. **Mansuy**, escriptor francez do anno da graça de 1904. O livro de **Paciolo** nunca esteve perdido. Logo veremos isto. E uma vez consulado, queira, banhado de alegria, emendar os erros de seu livro em edições futuras.

O trabalho de **Paciolo** não é de 1495, é de 1494. **Paciolo**, frade toscano, religioso da *Ordem dos Menores Franciscanos*, é o mesmo **Luca Paciolo**, mathematico insigne, esteja certo disso o Sr. **Mansuy. Luca Paciolo** mathematico e **Luca Paciolo** theologo são o mesmissimo **Paciolo** dá *Summa de Arithmetica, do Tractatus de computis et scriptures* — do primeiro tratado de escripturação por partidas dobradas.

A partir de 1340 vem se generalisando na Italia o emprego das partidas dobradas. Os archivos de Veneza fornecem bellos documentos, em que ainda hoje se pode estudar o seu continuo desenvolvimento. Um destes documentos, do qual possuimos uma bella photografia, é um razão da firma, **Donado Soranzo & Irmão,** negociantes daquella cidade, escripturado nos annos de 1410 a 1416. Neste razão cada debito tem um credito correspondente, — e o methodo apparece nelle claro, perfeito, inteiramente comprehensivel, com toda uma serie de contas pessoais, de movimento e differenceaes ou de resultado. **Luca Paciolo** não foi, portanto, o inventor das partidas dobradas,— —mas tam somente o seu primeiro e grande expositor. O tratado de **Paciolo** compõe-se de trinta e seis capitulos.

Em tres livros ensinava elle que se deviam lançar as contas.

O primeiro, chamado *memorial*, e tambem *vacheta ou squartafoglio*, era o livro em que as operações se deviam registrar á medida que se iam succedendo, diffusamente, sem omissão de uma só letra, de um só esclarecimento, — *non lasciando' un jota, il chi, il che, il quando, il dove, con tutte sue chiarezze e menzioni.*

E' interesantissimo o capitulo em que **Paciolo** trata do *memorial.*

Neste livro, — diz elle, — todos podem escrever: o proprietario, — *principale*, — os administradores, os caixeiros e até mesmo as mulheres. E isto porque bem pode acontecer que estejam fora o proprietarios e

seus empregados, nas feiras ou nos mercados, e então, para que não cessem os negocios, têm as mulheres de comprar e vender, pagar e receber, — e de tudo fazer assento, — segundo as ordens e instrucções impostas pelo *principale*.

Nesse capitulo o frade toscano nos diz que era costume entre os negociantes verdadeiramente catholicos marcar os seus primeiros livros com aquelle signal glorioso do qual foge todo o nosso infernal inimigo espiritual, e á vista do qual toda a caterva infernal merecidamente treme, isto é, com o signal da Santa Cruz. « *É peró bene si costuma fra i vêri cattolici segnar i primi loro libri di quel glorioso segno dal qual fugge ogni nostro spiritual infernal nemico, e la caterva tutta infernal meritamente trema, dal segno cioé della Santa Croce*».

Si o egregio frade apparecesse hoje neste mundo atormentado pela ambição, desvairado pelo calculo, veria elle, com grande espanto, que diante do signal da cruz já nem a caterva dos ladrões foge, ou treme sequer. Ao contrario, avança sem vacillar.

Do *memoriale* eram as partidas levadas para o *giornal*, — o diario.

Devia este livro ser aberto com o inventario e escripturado de modo mais legivel que o *memoriale*, — sem demasias, mas não muito abreviado. A conta de *Caixa* era a primeira que se devia inscrever, sendo creditada a de *capital*, e depois as de mais. As partidas continham sempre, invariavelmente, um só devedor e um só credor, — de modo que o registro do capital se fazia com tantas partidas quantos eram os valores activos que o constituiam. Si havia credores, era a conta de *capital* debitada tantas vezes quantos eram elles, sendo cada um creditado por sua vez numa partida especial. Deste modo recebia a conta de *capital* a credito todo o activo e a debito todo o passivo. Não se conhecia essas partidas ou formulas complexas e compostas tão largamente empregadas hoje em dia.

O terceiro e o ultimo livro principal era o *quaderno*, o razão. Tambem lhe chamavam *quaderno grande*, *livro grande*, denominação identica; esta ultima, é adoptada até hoje pelos francezes, que lhe chamam *grand livre*. A primeira conta que se abria no quaderno grande. era a de *caixa*. Isto, — explica **Paciolo**, — porque a conta de *Caixa* era a primeira no diario. Devia-se-lhe deixar uma pagina inteira, sem nella se abrir nenhuma outra conta, porque a de *Caixa*, tinha maior movimento que outra qualquer. « *E tutta quella facciata si costuma lasciarla stare per ditta cassa, e in dare né in avere non si pone altro; e questo perché la cassa si maneggia più che partita che sia, a ora per ora, in mettere e cavar denari*».

Aberta a conta de *Caixa* podiam-se inscrever as outras livremente. « *E poi li lascia il campo largo*».

O encerramento do razão fazia-se sem nenhum lançamento no diario. Não se conheciam estas inuteis contas de *Balanço de Entrada* e *Balanço de Sahida*, adoptadas aqui por muitos, e cujo emprego os modernos tratadistas italianos consideram obrigatorio.

As contas eram fechadas no razão, uma por uma, e reabertas em seguida por saldo. Nisto andavam os antigos venezianos infinitamente mais avisados do que os modernos.

A conta de *Lucros e Perdas*, — *Pro e Danno*, — tinha a mesma funcção que tem modernamente; recebia a seu debito todas as despezas e todos os prejuiscs eventuaes, e no seu credito todo o lucro realizado. O seu saldo, devedor ou credor, era transferido por ultimo para a conta do *Capital*.

A transferencia, porem dos saldos das diversas contas de resultado para a de *Lucros e Perdas* fazia-se só no razão, sem nenhuns lançamento no diario, Do mesmo modo se fazia a transferencia no saldo da conta de *Lucros e Perdas*, para a de *Capital*. Nada se lançava no diario. E isto, — ensina **Paciolo**, — não porque todo o lucro ou todo o prejuizo registrado no razão vem já no diario.

Paciolo conheceu e expos o modo de levantar o balanço de verificação, o balanço dos livros, como tambem lhe chamam.

Ensinava elle:

Si a somma de todos os debitos do *quaderno* não é egual á somma de todos os creditos, — então ha erro nesse livro, — o qual convirá achar com o trabalho da inteligencia que Deus te deu, — il qual poi con diligenza converrá trovarlo con la industria dell'intelletto che Dio ti ha dato.

A' somma de todos os debitos chamava elle *summa summarium* do debito, e á somma de todos os creditos, *summa summarium* do credito. As duas *summa summarium* deviam ser eguaes entre si. Dada esta igualidade podia-se julgar bem feito o *quaderno grande*, ou razão.

Ora, se queste due summa summarium saranno pari, arguirai il tuo quaderno essere ben guidato, tenuto e saldato».

Mas a verdadeira conferencia dos livros, a infallivel, era a que se fazia pelo confronto do *memorial* com o *giornal* e deste com o *quaderno grande*, partida por partida.

No capitulo XXXII do seu tratado expõe **Paciolo** o modo pratico desta conferencia. Tão trabalhoso era o confronto dos livros entre si que o illustre frade logo de começo nos adverte:

— «*La qual cosa vuol seguire, bisogna grandissima diligenza; e per ordiue terrai questo modo: cioe prima farai di avere um compagno, chè mal potresti per te solo farlo: a lui darai in mano il giornale, per più cautela, e tu terrai il quaderno grande*».

E assim, tendo um ao seu cuidado o *giornale*, e outro o *quaderno grande*, fazia-se á trabalhosa conferencia, pagina por pagina.

Lembra neste ponto o tratadista que nem todas as parcellas do *quaderno grande* se encontram no *giornale*, tendo isto explicação no facto de que as partidas de transferencias das contas de resultado para a de *Lucros e Perdas*, — *Pro e Danno*, — não passavam pelo *giornale*: fazia-se no *quaderno grande*, tão somente.

E' curioso o modo porque se transportavam as contas do *quaderno grande* de uma pagina cheia para outra em branco. Na pagina cheia era a conta encerrada como a encerramos hoje, por saldo, na occasião do balanço. Para a pagina seguinte só se levava o saldo resultante do encerramento, o qual podia ser devedor ou credor, E esclarece **Paciolo**, no capitulo XXVIII que destes transportes nenhum laçamento se fazia no *giornale*, posto que não andaria mal quem tal fizesse. «*Li reporti non bisogna ponerli in Giornale benché si potrebbe a chi volesse, e verria a rispondere ancor bene, ma non fa bisogno, perché si avria quella fatica in più senza frutto*».

ATENÇÃO

Pedimos encarecidamente a quem enviamos o 1.º numero de "A Voz do Comercio" e não queira ser assinante, o favor de o devolver, pois que está quasi esgotada a primeira edição.

A Redacção.

AOS LEITORES

A pezar de o Quinzenario «A Voz do Comercio» ter tido aceitação superior á nossa espectativa, rogamos o obsequio de propaganda e anuncios, para que ele seja ainda melhor, mais benefico e para que tenha vida longa e prospera.

A Redacção.

SECÇÃO TÉCNICA

Imprevidencias Financeiras

III

Suponho que de uma maneira geral demonstrei claramente, insofismavelmente, que houve uma imprevidencia e uma imprudencia enorme, por parte dos varios titulares da pasta das Finanças, que estiveram a contribuir pretensa materia colectavel ou pelo menos contribuindo sobre o joelho, sem base, sem estudo previo, sem consciencia e sem sciencia. Eu que sou quasi analfabeto n'estas coisas — tão poucos são os conhecimentos que possuo — não lhes levo nada pela lição, pois não sou mestre mas simples aluno aplicado. Falam os factos, que são as minhas palavras, e isso basta.

Mas, passemos adiante, que nem só o Estado teve culpa. O particular teve tambem uma grande parte d'ela por que não foi previdente.

Não me quero referir ao particular que vivia da sua jorna ou do producto dum trabalho relativamente modesto.

Esse, perdoe-se-me o termo, era em regra um naufrago que não sabia mais do que nadar, aguentando-se á superficie d'agua, lutando sem rumo definido.

Tanto nadava para a costa como se afastava para o mar alto. A certeza que tinha na direcção que tomava era nenhuma. Nadava, vivia, luctava com uma esperança de que viesse o barco salvador, crente e sciente de que tudo isto era um naufragio mas de que podia vir ainda a tempo a boia de salvação.

Para esse, não tenho senão palavras de compaixão, por que luctou pela vida ingloriamente.

Para quem vão as minhas censuras, é para aqueles que tendo obrigações de orientadores, não sabiam o que estavam a fazer.

Então é lá admissivel que estivessem cegos durante tanto tempo, como o estão ainda hoje?

Não, a culpa não foi só do Estado, foi tambem d'eles. Vejamos tambem, analisemos tambem os seus erros.

Como vimos anteriormente, o capital (ouro) da potencia financeira a que nos temos vindo a referir — e para o caso tanto importa ser essa como outra qualquer, pois não é demais repeti-lo que todos praticaram o mesmo erro — era de 600 contos.

Qual deveria ser hoje o seu capital com os mesmos 6.000 acionistas?

Devia ser o seguinte:

Capital	600.000.00
Reserva Cambial	11.400.000.00
	12.000.000.00

Repare-se bem que me refiro a 6.000 acionistas e não a 100.000.

O que se praticou n'este ponto foi muito alem da asneira.

As casas de negocio, todas elas á porfia começaram a sentir, em dado momento, falta de capital circulante e vieram ao mercado busca-lo por meio de emissões sucessivas, quando é facto que não tinham necessidade de o fazer.

O que se praticou foi um erro tremendo, seguindo as pizadas do erro que vinha sendo praticado pelo Estado.

Com uma sem cerimonia e uma leveza d'animo terrivel, todos trocavam por papel de jornal o seu rico dinheirinho, sem olhar para traz, sem parar nas consequencias que fatalmente haviam de advir.

Perguntar-me-hão: mas o que queria você que se fizesse se a nota inconvertivel era de curso forçado?

Eu vou responder e não me sentirei embaraçado para o fazer, podem crer.

As disposições a tomar deviam ter sido:

1.º — O capital devia ser regularisado, anualmente, pela força dos lucros, para o que se criaria a «Reserva cambial do capital».

2.º — Quando os lucros não chegassem, devia ser acrescida essa reserva, da importancia suficiente que devia sair do Fundo de Reserva Geral, que não serve para outra coisa senão para cobrir prejuisos eventuaes, garantindo o capital.

3.º — Desde que os imoveis (e até os moveis) sofriam uma valorisação, embora aparente, não deviam sofrer depreciações anuaes.

4.º — Todas as transacções feitas em moeda corrente, de curso forçado, deviam ser escripturadas em relação ao padrão ouro, levando as diferenças á conta de «Diferenças de Cambio, a qual no fim de cada ano não devia ser encabeçada na conta de «Perdas e Ganhos» senão pela diferença que fosse alem do que era preciso para a reentegralisação do capital.

5.º — Quando ainda assim os valores papel não chegassem para cobrir o padrão ouro, a distribuição de dividendos teria de ser suspensa até completar a «Reserva Cambial» visto que, de facto, não havia lucros e por isso não podiam ser distribuidos.

6.º — Que n'este ultimo caso, e para completar o capital, se poderia recorrer a suprimentos ou a novas emissões mas em condições especiais a fixar de forma a uniformisar o tipo papel com o tipo ouro, sendo os primeiros a pagar de tipo variavel visto que os ultimos tinham entrado com moeda desvalorisada e por isso tinham de receber em moeda desvalorisada emquanto que os outros tinham entrado com ouro e por isso tinham de receber ouro.

*

* *

Expostas estas regras, vamos ver o que se teria dado se elas fossem observadas para reconhecermos o seu valor pelos seus efeitos.

Sendo o capital de 600 contos (ouro) o seu fundo de Reserva Cambial estaria hoje (numeros redondos) elevado a 11.400 contos (papel), ou seja um coeficiente de 20 (diferença do preço da libra entre 5 e 100 escudos actualmente).

Sabe-se que os lucros anuais foram em media de 50 % em relação ao capital e, por isso mesmo, a empreza a que me tenho referido veria ter-se operado na sua vida um fenomeno curioso, que era nem mais nem menos do que;

1.º — Não ter necessidade do capital flutuante que a certa altura sentiu, pelo que teve de vir ao mercado busca-lo.

2.º — Ter consolidado a sua posição financeira com lucros autenticos.

3.º — Garantir ao seu capital um juro pelo menos egual e até quasi sempre superior àquele que sempre deu em epocas normais.

E isto por que, tendo eu reparado em que os seus lucros anuaes dão uma media de 40 % em relação ao

capital, esses lucros seriam elevados a 4 800 contos papel ou fossem 240 contos ouro que eram nem mais nem menos do que 40 % sobre os 600 contos ouro do capital inicial.

Ora 40 % era muita coisa junta e por isso mesmo, chegariam para compensar os dividendos de ouro sucessivos em que não tivessem sido distribuidos e ainda para amortisar o capital suplementar que tivesse sido chamado em determinado momento e ainda, a reentegralisação do fundo de reserva que existia em 1914. para o que não distribuiria os 40 % mas os mesmos 10 ou 12 % que inicialmente existiam.

Quer dizer, os acionistas, os 6000 acionistas que então existiam, tinham hoje garantidas as mesmas 120.000 libras e um fundo de reserva relativo que era não só a sua garantia como o seu lucro pela capitatalisação.

Argumentarão agora: mas isso erra impraticavel. Eu respondo apenas que não, e, o que é mais, era o que se devia ter feito.

Mais ainda, é o que se deve fazer ainda hoje se se quizerem salvar.

A'queles que se encontram a dirigir casas de certa ordem não será dificil reconhecer a verdade dos meus argumentos pondo-os em pratica.

Podia dizer muito mais, podia explanar mais desenvolvidamente as razões que ahi ficam, mas acho que o não devo fazer.

As razões que me podem ser apresentadas não me fazem mudar de opinião por que já as pezei. Eu sei que, uma d'elas, a que parece de mais pezo é aquela que me pode ser apresentada de que nem sempre se ganhou 40 % do capital e que anos houve em que esses 40 % não chegavam para a depreciação havida.

Isso porem não é base, por que se tivessem começado por obedecer ás regras indicadas, a mutação de scena era tão grande que os argumentos opostos ficariam reduzidos a zero, ou pouco mais.

A primeira coisa que se dava desde logo era a mais lenta desvalorisação e, quando esta se desse, cada um já sabia com o que podia contar.

Era então a ocasião do Estado poder contribuir os lucros excessivos quando e onde os houvesse. Pela forma que o fizeram foi nada mais nada menos do que tocar musica d'ouvido, macaqueando o que se fazia lá fora sem reparar nas condições gerais cá de dentro.

Vive-se ainda hoje dentro da confusão entre valores ouro e valores papel, admitindo, em principio apenas, que o Estado vai pagar em ouro as fortunas de cada um. Puro engano. Cada um tem o que tem por que não pode ter mais. Não souberam administrar o seu dinheiro por que não estavamos preparados para isso e d'ahi o mal que nos afflige a todos.

Se tivessem procedido como digo, os milhares de libras que foram colocados lá fóra, estariam dentro do paiz valorisando a riqueza publica.

O Estado tinha monopolisado as cambiaes de exportação e hoje a circulação fiduciaria teria uma formidavel reserva metalica a garanti-la.

Não se teria assistido á vertigem da desvalorisação por que a emigração dos valores ouro não se teria produzido.

Nem mesmo o Estado se veria compelido a elevar como elevou os seus impostos pois precisaria de muito menos receitas, nem as emprezas singulares ou colectivas estariam á beira do abismo.

Ainda estamos porem a tempo, pois é sempre tempo para estas coisas, de fazer hoje o que hontem se não fez, e por isso, mãos á obra e confiança no futuro.

Jorge Reis.

CASAS COM FILIAES

III

O patrimonio do commerciante, embora sejam muitas as suas filiais, é um só. E como todo o patrimonio se compõe de duas especies de valores, — valores activos e valores passivos, — é claro que o balanço deve comprehender a totalidade das duas obrigações avaliadas para que do confronto ou comparação arithmetica entre o total do activo e o total do passivo possa surgir o seu patrimonio liquido ou capital.

Nem sempre, porém, a incorporação dos balanços das filiaes se faz como acabamos de indicar. Póde-se crear uma conta de ordem por meio da qual se opera a necessaria incorporação. Tomemos de novo, para exemplo, o balanço da filial do Rio no caso já estudado. O seu activo e passivo são:

Activo		**Passivo**	
Caixa . . .	80 000 000	Matriz c/cap .	250 000 000
Mercadorias .	100 000 000	Matriz c/c. .	50 000 000
L.as a Receber	100 000 000	C.as correntes .	80 000 000
C.as correntes	120 000 000	Letras a Pagar	20 000 000
	400 000 000		400 000 000

Ora, as contas **Matriz — c/ cap. e Matriz — c/c,** deste balanço, estão nos livros da Casa Central representadas pelas contas:

	Debito
Filial — Rio — . . . c/c .	250 000 000
Filial — Rio — c/ cap. .	50 000 000

A Central tomará então, do balanço da filial e lançará, creando uma conta de ordem a que dará por titulo — **Balanço — Rio:**

Diversos a Balanço-Rio		
Incorporação do activo da n/ filial do Rio, como segue:		
Caixa-Rio	80 000 000	
Mercadorias-Rio . .	100 000 000	
Letrar a Receber-Rio	100 000 000	
Contas correntes-Rio .	120 000 000	400 000 000
Balanço-Rio a Diversos		
Incorporação do passivo da n/ filial do Rio, como segue:		
a Contas Correntes Rio .	80 000 000	
a Letras a Pagar-Rio .	20 000 000	100 000 000

A conta **Balanço-Rio** foi creditada por 400.000$000 e debitada por 100.000$000, — tem, por tanto, a seu credito 300.000$000 que se transferiu para as contas de **Filial-Rio — c/ cap.** e **Filial-Rio c/c,** para fecho destas, uma vez que taes contas são devedoras exactamente de 300.000$000 e devem desapparecer para só ficarem nos livros da matriz o activo e o passivo do Rio. Lança-se pois:

Balanço-Rio							
a Diversos							
Transferencia do saldo para fecho das seguintes contas:							
a Filial-Rio — c/ cap.							
Saldo a debito desta c/.	250	000	000				
a Filial-Rio — c/c							
Idem como acima . .	50	000	000	300	000	000	

Feitos estes lançamentos, estão fechadas as contas — **Balanço-Rio, Filial-Rio — c/ cap.** e **Filial-Rio — c/c** e incorporados á escripturação central o activo e o passivo da filial da praça do Rio como convem.

Para collocar-mos as diversas contas no novo exercicio em sua situação anterior, temos de fazer lançamentos ao inverso dos que acabamos de fazer. Têm-se assim:

Balanço-Rio							
a Diversos							
As seguintes contas activas que são transferidas á n/ filial do Rio:							
a Caixa-Rio	80	000	000				
a Mercadorias-Rio . .	100	000	000				
a Letras a Receber-Rio .	100	000	000				
a Contas Correntes-Rio .	120	000	090	400	000	000	
Diversos							
a Balanço-Rio							
As seguintes contas passivas que são transferidas á n/ filial do Rio:							
Contas correntes-Rio .	80	000	000				
Letras a pagar-Rio. .	20	000	000	100	000	000	

A conta **Balanço-Rio** foi debitada por 400.000$000 e creditada por 100.000$000, — logo tem á seu debito 300.000$000. Estes 300.000$000 são os debitos da conta de capital e da conta corrente da filial. Devemos transferir então para estas contas a referida somma, assim:

Diversos							
a Balanço-Rio							
Transferencia do saldo devedor desta ultima conta para o debito das seguintes:							
Filial-Rio — c/ cap.							
Seu capital declarado .	250	000	000				
Filial-Rio — c/c							
Seu debito em c/ corrente	50	000	000	300	000	000	

Desta maneira estão fechadas não só todas as contas do activo e passivo da filial do Rio, que por occasião do balanço haviam sido incorporadas á escripturação central, mas tambem a conta de ordem **Balanço-Rio.** Ficam reabertas, como é necessario, as contas **Filial-Rio — c/ cap.,** com 250.000$000 a seu debito e **Filial-Rio — c/c,** com 50.000$000 egualmente a seu debito. Estas contas exprimem assim a verdadeira situação da filial no inicio do novo exercicio. Erro grave é não se proceder á incorporação do activo e passivo das filiaes á escripturação da casa central quando se levanta o balanço.

O patrimonio é um complexo de direitos e obrigações avaliados em dinheiro — e, no caso dos estabelecimentos com succursaes, este complexo de direitos e obrigações forma-se da somma de todos os elementos componentes do activo e da somma de todos os elementos componentes do passivo da casa matriz e suas filiaes.

Carlos de Carvalho
Contabilista Brazileiro

ENTRE LEITORES

Consultas

N.º 4. Constituiu-se uma sociedade em nome colectivo composta de 5 socios, 4 dos quais entraram com 50.000$00 e o ultimo com 80.000$00.

Esta sociedade realizou todas as suas transacções com regularidade durante 5 anos, no fim dos quais um dos socios resolveu saír pelo ultimo balanço, de acordo com os restantes associados.

A conta do socio que saíu estava debitada por Esc. 1.800$00 do ultimo exercício — prejuizo — pelo que lhe foi entregue para saldo — e por escritura — 48.200$00.

A sociedade comprou a cota do socio que saiu.

Pergunto: Qual a maneira mais regular de fazer os lançamentos para regularisar a saída

daquele socio, de fórma a ficar bem nitida a responsabilidade da sociedade, a cargo de quem ficou aquela cota?

Adriano de Souza Oliveira

SOLUÇÕES

Solução á consulta n.º 1

No «Inventario e Balanços» deve escriturar-se, sem duvida alguma o activo e passivo de A, para cumprir o preceituado no art.º 33 do Codigo Comercial.

O facto de neste Balanço não existir a conta de capital em nada anula aquele preceito.

Bem entendido, no livro Selado bastará escriturar o resumo do inventario.

J. Salazar Antunes

Solução á consulta n.º 2

Se bem que a falta fosse imperdoavel, visto não se explicar que não se tivesse verificado a soma do lançamento do «Diario», poderia resolver-se a *omissão* da seguinte fórma:

Diversos a Diversos

Para complemento do lançamento n.º 3:

a A (Conta que faltara)

J. Salazar Antunes

CONTAS CORRENTES COM JUROS

II

PROCESSO ZIGOLI

Eis a mesma conta regularisada por este processo:

DATAS		HISTORICO	Capitaes D/H	Capitaes Quantias	VENCIMENTOS		Dias	NUMEROS D/H	NUMEROS Sommas
1912					**1912**				
Fevereiro	5	s/factura n.º 300 a 90 d/	H	4.500$000	Maio	5	25	D	112.500
Março	10	n/aceite a 30 d/	D	2.000$000	Abril	10			
		Saldo a s/ favor	H	2.500$000	Abril	10	110	H	275.000
Abril	30	s/ factura n.º 1000 a 90 d/	D	6.480$000	Julho	30		H	162.500
			D	3.980$000	Julho	30	50	H	199.000
Junho	10	Pago a R Levy por s/o e c/	D	1.200$000	Junho	10		H	361.500
			D	5.180$000	Junho	10	144	D	745.920
Agosto	4	s/ factura n.º 1300 a 90 d/	H	3.640$000	Novembro	4		D	384.420
			D	1.540$000	Novembro	4	69	H	106.260
	10	n/ aceite a 15 d/	D	3.000$000	Agosto	25		D	278.160
			D	4.540$000	Agosto	25	27	D	122.580
								D	400.740
Setembro	22	Recebido de Emilio Rebouças por s/o e c/	H	750$000	Setembro	22			
			D	3.790$000	Setembro	22	103	D	390.370
					1913				
Outubro	5	s/ factura n.ºs 2000 a 90 d/	H	8.500$000	Janeiro	5		D	791.110
			H	4.710$000	Janeiro	5	33	H	155.430
Novembro	8	s/ aceite a 90 d/	H	1.000$000	Fevereiro	8		D	635.680
			H	5.710$000	Fevereiro	8	12	H	68.520
	20	n/ aceite a 90 d/	D	5.000$000	Fevereiro	20		D	567.160
			H	710$000	Fevereiro	20	15	D	10.650
Dezembro	5	s/ factura n.º 2300 a 60 d/	H	5.750$000	Fevereiro	5		D	577.810
			H	6.460$000	Fevereiro	5	35	D	226.100
	31	Juros a 5% s/ n.º 803910	D	111$654					
1913			H	6.348$346					803.910
					1912				
Janeiro	1	Saldo	H	6.348$346	Dezembro	31			

Como pelo processo Besta as operações são registradas em ordem chronologica e em fórma escalar, isto é, uma por baixo da outra, sommando-se as operações, no caso de terem signal egual, e deduzindo-as no caso de os terem contrarios.

Regra para o processo Zigoli:

1.º — Comparam-se os vencimentos das duas primeiras operações registradas;

a) Se a segunda tiver vencimento posterior ao da primeira, contam-se os dias que decorrem entre os dois vencimentos escrevendo-se os dias em frente á que tiver vencimento anterior;

b) Se a segunda tiver vencimento anterior ao da primeira, contam-se os dias que decorrem entre os dois vencimentos, collocando-os em frente á operação que tiver vencimento posterior.

Reduzindo-se, em ambos os casos, as operações a um unico vencimento.

2.º — Feita a comparação dos ven-

cimentos, procede-se á comparação dos capitaes, que são sommados ou subtrahidos, segundo tenham signaes eguaes, ou contrarios, dando-se a esse resultado, que é o saldo, como vencimento o do segundo capital, contando-se, em seguida, os dias que vão desse saldo á operação seguinte, tendo-se em vista:

a) que sendo posterior o vencimento da operação subsequente, o numero para o saldo terá o mesmo signal deste;

b) sendo o vencimento da operação subsequente anterior ao do saldo, o numero deste terá signal contrario.

3.º — O ultimo saldo terá como vencimento da ultima operação, observando-se:

a) Se o ultimo saldo tiver como vencimento uma data anterior á do fecho, contar-se ão os dias decorridos desse vencimento ao fecho;

q) Se o ultimo saldo tiver como vencimento o dia do fecho, não se contarão dias para esse saldo;

c) Se o ultimo saldo tiver como vencimento uma data posterior á do fecho, contar-se ão os dias decorridos do fecho a este vencimento, colocando-se em frente ao numero o signal contrario do que o saldo tiver.

4.º — Calculam-se os juros sobre o saldo de numeros, sommando-os ou deduzindo-os do saldo provisorio de capitaes, segundo sejam os signais eguaes ou contrarios.

5.º — Encerra-se finalmente a conta como é geralmente usado pelos outros methodos.

Apreciação. — Pela exposição feita dos dois processos differentes de se regularizar uma conta corrente com juros pelo methodo dos saldos, ou hamburguez, vê-se que os numeros vermelhos são completamente eliminados quando apparecem vencimentos desordenados. Os dois processos apresentados pelos illustres mestres de Contabilidade, apesar de se fundarem ambos no methodo dos saldos, têm um mechanismo differente. O do prof. Besta differe do prof. Zigoli, por ter sempre em vista uma ordem chronologica progressiva nos vencimentos, podemos mesmo dizer que é directo, ao passo que o do segundo autor não procura a ordem chronologica, nem a progressiva do methodo directo, nem a regressiva do methodo indirecto, mas sim deixar a conta calculada até o vencimento da operação posterior.

Não affirmamos que estes dois processos na pratica se apresentem mais vantajosos do que o methodo hamburguez commum, porque só os conhecemos pelo estudo e exame de seus mechanismos.

Como quer que seja, elles são dignos de serem conhecidos, attendendo-se ao nome de seus abalisados autores e mesmo para se patentear mais uma vez que a contabilidade em suas applicações teja vasto campo de conhecimentos cum esfera de dia a dia mais se alarga.

F. d'Auria.

Transcrito da Revista Brasileira de Contabilidade

PARTIDAS TRIPLAS

III

Afim de que o novo methodo de escripturação por partidas triplas, do qual temos tratado em nossos artigos anteriores, possa ser bem comprehendido por todos os que se interessam pela nossa disciplina — a Contabilidade — resolvemos seguir tão de perto quão nos for possivel a exposição feita pelo autor do mesmo methodo, Theodor Esersky.

Os livros de desdobramento das partidas triplas, como já tivemos occasião de dizer, são tres e podem, com muita justeza, ser comparados a trez linhas parallelas. A primeira dessas parallelas corresponde ao Livro Principal ou de registro chronologico, onde são passadas todas as operações da empreza, chronologicamente, isto é, á proporção que se succedem os factos de gestão, independentemente de sua natureza.

Pode bem se dar o caso de a escripturação já ter sido começada por qualquer um outro methodo, como pelo das partidas simples, pelo das dobradas, pela logismographia, (simples, dupla, tripla ou quadrupla,) etc., ou pode dar-se tambem que a empreza tenha começado a funccionar e se exercitado durante algum tempo, sem lançamento de especie alguma; então, será necessario levantar-se um balanço de todo o activo e passivo da empreza e registrar o balanço no livro principal, abrindo-se assim a serie de lançamentos.

Os lançamentos são passados muito summariamente no livro principal, ficando os detalhes para as contas systhematicas.

Podemos, pois, affirmar que sob o ponto de vista legal as partidas triplas satisfazem plenamente as disposições do nosso Codigo de Commercio, quando determina em seu artigo 10 a todo o commerciante lançar diariamente, com individuação e clareza, as suas operações de commercio, em um livro por isso mesmo chamado diario (livro principal nas partidas triplas).

Nas grandes emprezas o livro principal pode ser dividido em diversas partes, escripturadas separadamente, porem no seu conjuncto as partes não formam senão um só todo — o livro principal. Não se diga que a divisão do livro principal, quando necessaria, vai de encontro ao espirito do nosso Codigo; as leis podem ser interpretadas e as interpretações se tornam tanto mais justas, quando intelligencias acanhadas as querem circumscrever ás simples disposições literaes.

Para comprovarmos a nossa asserção, veja-se a bellissima explicação que nos dá Gabriel Faure em seu *Etude technique sur la cent ralisation des écriptures journalières.*

«Possuo, diz Gabriel Faure, em minha bibliotheca, *um* Larousse. Elle se acha dividido em sete tomos, naturalmente volumosos; d'ahi se concluirá que possuo sete Larousses? Evidentemente não.

A ideia de ligar toda essa papelada em um só volume, sobre o pretexto de ter unicamente *um* Larousse, não pode convir senão a um espirito acanhado, desiquilibrado. Não é, pois, assim que convem interpretar o pensamento do legislador. Quando ele me obriga a ter *um* diario (livro principal nas partidas triplas), isto é, obriga a registrar dia a dia, de um modo homogeneo, tudo o que faço, não poderia prohibir-me de empregar *concurrentemente*, se preciso fôr, *diversos volumes ou fasciculos* para obter o fim requerido, contanto que sejam tomadas precauções para assegurar a sinceridade do trabalho.»

A divisão do livro principal effectua-se de varios modos conforme a especialidade da empresa.

1.º Dispõe-se uma parte, uma fracção do livro principal para cada caixa autonoma, para cada agente consignatario responsavel pela sua gestão. Neste

caso todos os dias, ao encerrarem-se as operações, os lançamentos são totalisados em um livro unico, a menos que se não prefira reunir diariamente os cadernos pertencentes a cada uma das divisões.

2.º A pratica estabeleceu um segundo modo para a divisão do livro principal: uma parte servirá para os dias pares e a outra para os dias impares.

3.º Podemos tambem constituir uma divisão secreta do livro principal na qual serão lançadas apenas as importancias referentes ao capital de reserva, ficando esta parte á disposição dos directores da empresa.

As operações se inscrevem resumidamente no livro principal, indicando-se o numero da pagina e a denominação das contas especiaes respectivas, a natureza e a importancia da operação; os detalhes são registrados nas contas syntheticas, onde podem ser encontrados mais facilmente.

A seguir damos um fac-simile do livro principal, com as suas tres columnas essenciaes e com as diversas outras accessorias.

LIVRO PRINCIPAL

Folio ou denominação das contas		HISTORICO	VERIFICAÇÃO	CAIXA		VALORES		RESULTADO	
Entrada	Sahida			Entrada	Sahida	Entrada	Sahida	Diminuição ou prejuizo	Augmento ou lucro
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10

Columnas 1 e 2. *Denominação das contas.*

Na primeira columna escreve-se a folha da conta systhematica para onde foi levada a operação ou então a denominação da conta de entrada; na segunda escreve-se o folio da conta systhematica ou a denominação da conta de sahida.

Quando a operação commercial se refere a uma entrada, sem sahida correspondente, ha augmento da conta de capital; lança-se portanto na columna 1 uma conta de receita. Ao contrario, se a operação não acarreta senão uma sahida, sem a entrada respectiva, ha diminuição do Capital e a conta a se inscrever na columna 2 será forçosamente uma de despeza.

Columna 3. *Data e resumo das operações.*

Na terceira columna devemos em primeiro lugar mencionar a data — dia e mez — depois o resumo da operação. Vindo a classificação das operações—compra, venda, saques contra devedores, acceites a favor de credores, liquidação de dívidas, etc.—nas columnas 1 e 2, muito facil se torna procurar qualquer uma dessas contas, como tambem verificar omissões porventura commettidas.

Columna 4. *Verificação.*

E' na quarta columna, sob a rubrica - *Verificação* — que se registram as importancias integraes de cada operação e essas importancias servem para fiscalizar as demais quantias, escripturadas nas outras columnas do livro principal. Para accelerar o seu serviço, em occasiões de atropelo, o guarda-livros poderá limitar-se a prehencher a columna de verificação e mais tarde, completará o trabalho, fazendo os lançamentos referentes às demais columnas. Lançamentos de verificação, feitos no momento em que se effectuam as operações, têm probabilidades de ser mais exactos e de fornecer uma base mais segura para a fiscalização das contas.

Columnas 5 e 6. *Caixa.*

No começo da columna das entradas, o guarda-livros lançará o dinheiro existente em caixa no momento da abertura da escripta e depois, successivamente todas as entradas que se forem realisando; a columna 6 das sahidas é destinada para os pagamentos a dinheiro, effectuados pela casa. A differença entre as columnas 5 e 6 exprime, portanto, a qualquer momento, o saldo existente em caixa; incriptas no proprio livro principal, taes columnas apresentam enormes vantagens, como veremos adiante.

Columnas 7 e 8. *Valores.*

A rubrica supra reune em si todos os valores commerciaes, salvo os que se referem á caixa. Ao começar o exercicio, registra-se na columna 7 o saldo de todos os valores activos, e em seguida registram-se todos os valores adquiridos na vigencia das transacções, taes como acções, titulos publicos, mercadorias, immoveis, etc.

A columna 8 é reservada, ao contrario, para a inscripção das sahidas de valores; a differença, pois, entre as columnas 7 e 8 indicará a existencia real dos valores possuidos pela empresa. Por aqui já podemos deprehender as vantagens que apresenta o desdobramento da columna de valores em duas, uma para a caixa e a outra para as demais especies de valores. Todo o commerciante tem necessidade de verificar maior numero de vezes o saldo existente em caixa do que o saldo de qualquer outro valor; com a columna de caixa destacada, a verificação torna-se facilima.

Columnas 9 e 10. *Resultado ou inventario permanente.*

As columnas acima constituem o ponto original das partidas triplas; ahi não escripturamos receitas, tão pouco despezas, porem unicamente o *resultado* das operações. Esta parte caracteristica do livro principal nos apresenta o inventario permanente da empresa.

A primeira das columnas servirá para o registro de todos os prejuizos soffridos pelo capital, portanto de todas as suas diminuições; a segunda colligirá todos os lucros parceaes da empresa logo que se tornem determinaveis.

Fica, pois, assim explicada a utilidade não só do livro principal, como a de cada uma de suas diferentes columnas.

(Continua)

José Mascarenhas.

Transcrito da Revista Brasileira de Contabilidade.

A proposito das partidas triplas

Covilhã, 18 de Janeiro de 1929.

Excelentissino Senhor
Antonio Martins da Fonseca
PORTO

Li na VOZ DO COMERCIO, que V. Ex.ª superiormente dirige, as considerações sobre Partidas Triplas, feitas pelo Sr. José de Mascarenhas, e achando que devemos reputa-las como uma necessidade em toda a casa de negocios que queira saber a quantas anda.

Se é verdade que a escrita é a bussola duma casa bem poucos são os gerentes que com ela se preocupam e dahi a derrocada de muitas.

Ha comerciantes, gerentes estes que supôem poder armazenar na mioleira toda a complexidade de variações de seu movimento comercial, julgando-se mesmo infaliveis nos seus calculos, o que origina, se o negocio não é da China, surprezas tambem infaliveis.

Não vemos necessidade de todos os lançamentos serem triplices mas tão somente aqueles que originem prejuizos ou lucros. E porque assim pensamos, entendemos que no Razão a unica conta morta que deve existir é a de Ganhos e Perdas, sendo todas as outras sub-contas desta, criando-se livro especial.

Isto de vender Mercadorias por um preço superior ou inferior ao de entrada não movimentando a conta de Ganhos e Perdas é absurdo.

A proposito recorda-me um caso que se deu comigo ha uns 6 ou 7 anos:

Porque os meus afazeres eram muitos, não pude aceitar a escrita duma casa que tinha uma existencia de materiais de construção, ferragens etc. adquiridas antes da Guerra. Indiquei para o efeito um amigo meu. Ora como essa casa era dum só individuo não quiz actualisar o preço de custo mas sim o de venda, que era o que *importava*. O resultado era que, vendendo um objecto equivalia a dar saida de 10 ou 12 consoante o preço porque vendia, dando-se o facto de a conta de Mercadorias estar credora apesar da grande existencia, pelo que deveras espantado o meu amigo, ainda novato, me veio narrar o facto que lhe expliquei.

Uma escrita assim não é racional nem legal, pois começa por fugir logo ao primeiro artigo do Codigo Comercial sobre escrituração que é o nº. 29 que diz: Todo o comerciante é obrigado a ter livros que dêm a conhecer, facil, clara e precisamente, as suas operações comerciais e fortuna.

— Estamos a ouvir as objecções de muitos:

— Mas num retalhista é impraticavel movimentar-se todos os dias a conta de Ganhos e Perdas?. — Conforme: Num retalhista, que sobrecarrega o preço de custo com uma percentagem de lucro certa, basta que á noite apure a importancia das vendas quer a dinheiro quer a credito, para que com uma simples operação de desconto por dentro apure o custo do que vendeu.

Naqueles para quem o preço de venda depende da ocasião e clientes, tambem, embora mais trabalhosamente, poderiam apontar o que diariamente sai com o seu preço de custo. A diferença seria o lucro ou prejuiso.

Ha muito que recomendo aos meus alunos que cada conta deve sempre ser debitada ou creditada pelo que lhe pertence e a conta de Ganhos e Perdas deve pelo menos em todos os balancetes mensais, semanais ou a que fôr, apresentar e situação da casa.

O Inventario é apenas uma conferencia de quantidades e seu estado. E o Balanço uma praxe que a lei exige e que como não podia deixar de ser vem reduzir a cifra de numeros acumulados durante um exercicio.

Com muita consideração, subscrevo-me

De V. Ex.ª

Mt.º At.º e Obg.º

Luis B. Caldas

ASSOCIAÇÃO DOS CONTABILISTAS E GUARDA-LIVROS DO NORTE DE PORTUGAL

VIDA ASSOCIATIVA

Em defeza dos nossos interesses profissionais

O Conselho Tecnico desta Colectividade enviou, em 7 de Dezembro de 1928, ao Ex.mo Snr. Ministro das Finanças um oficio do seguinte teor:

Ex.mo Snr.
Ministro das Finanças
Lisboa

Ex.mo Snr.

Pelos jornais teve esta Colectividade conhecimento de que havia sido entregue a V. Ex.ª uma representação com o fim de se organisar, legalmente, uma sociedade para defeza dos acionistas e obrigacionistas das sociedades anonimas.

Permita-me, Snr. Ministro, que em nome desta Colectividade eu louve todos aqueles que defendem uma doutrina tão moral e justa. E, porque o Conselho Tecnico desta Associação de Classe, conscio dos deveres que sobre ele impendem, estava precisamente estudando o assunto com o maior cuidado, venho, em nome desse Conselho Tecnico e da Colectividade, em geral, respeitosamente solicitar de V. Ex.ª se digne ordenar que a esta Associação seja dado conhecimento da representação entregue a V. Ex.ª, ou directamente ou pela sua publicação na imprensa diaria.

Esperando que V. Ex.ª apreciando devidamente o fim que esta Colectividade tem em vista e o valor que, para o estudo de tão magno assunto, terá a opinião dos Tecnicos da Contabilidade — dizemo-lo sem falsa modestia —, se dignará conceder-nos o que solicitamos, desejo a V. Ex.ª.

Saude e Fraternidade.

O Presidente do Conselho Tecnico,

A. M. Fonseca

Novos socios

Na ultima quinzena foram propostos novos socios pelos Snrs. Carlos Tavares Bastos, Eduardo Silva, Eduardo de Oliveira Sidrais.

Biblioteca

Publicações recebidas periodicamente.

«Industria Portuguesa»

Revista da Associação Industrial Portugueza.

«O Vegetariano»

Revista Horticola - Naturista.

« L'Employé »

Organe mensuel du syndicat des employés du commerce et de l'industrie et de la Federation Française des syndicats d'employés catholiques.

«A Voz do Pastor»

« O Trabalho Nacional »

Revista da Associação Industrial Portuense.

«O Sol do Porvir»

«Revista de Espiritismo»

Orgão da Federação Espirita Portuguesa.

« Eco de Ermezinde »

«A Fôlha do Caixeiro»

«Republica Social»

« Solidariedade »

Quinzenario defensor do caixeirato portugues.

«Cruzada do Rosario»

«Voz de Fatima »

«Comercio e Industria »

Referencia a esta Associação

De o «Comercio e Industria», de Novembro de 1928.

E' hoje um facto a sua fundação, mas ela se deve ao perseverante impulso do Presidente da Comissão Administrativa, o distinto Guarda-Livros e Professor Snr. António Martins da Fonseca que, para alcançar o objectivo dessa grande obra, empregou todo o seu melhor esforço mesmo com prejuizo para a sua saude como tambem para os seus afazeres particulares e profissionais.

Como homem de iniciativa e ponderado espirito, avalio bem quantos dissabores e ingentes desgostos alçapremaram a alma do Snr. Fonseca, pois, as contrariedades chovem sempre ás catadupas sobre os bons empreendedores, formando um rosario de amarguras que nem sempre a força do Destino impede que se desfie amargura por amargura, chegando-se pejado de aturados sacrificios ao almejado terminus, que é, afinal, a base capital dum ambicionado *desideratum*.

Pois bem; agora já não resta a menor duvida sobre a fundação da Associação dos Contabilistas e Guarda-Livros do Norte de Portugal, a qual já cimentou no meu peito as melhores impressões a quando da minha visita áquela simpatica Associação.

Assisti ha poucos dias á 6.ª reunião tecnica á qual servi como 1.º secretario, tendo o prazer de verificar que, são socios da referida Associação os mais categorisados Contabilistas e Guarda-Livros que empregam a sua actividade nas mais importantes casas comerciais, industriais e Bancos desta Cidade.

Urge, pois, para que esta brilhante Associação não tenha a mesma duração das «Rosas de Malherbe», que os militantes da classe numa força de vontade imperiosa e unanime, secundem o Presidente da Comissão Administrativa, Snr. Antonio Martins da Fonseca, pois muito ha a esperar do seu espirito de criterioso empreendedor e de vasta inteligencia, porque o seu plano, aliás digno dos mais rasgados elogios, elevada admiração e inegavel reconhecimento, é, exclusivamente, o resurgimento da Classe, que ha muito vive ignobilmente acobertada pelo ostracismo.

Alberto Leal.

AINDA E SEMPRE...

Considerações feitas pelo contabilista Sr. José Antunes na «Gazeta do Empregado de Escritorio», de Dezembro de 1925, que ainda é preciso fazer relembrar.

Os práticos da contabilidade precisam unir-se num grémio profisslonal para fazer valer, no momento oportuno, os direitos que lhes pretendem cercear.

Dia a dia evidencia-se a necessidade absoluta de organizar os práticos da contabilidade, nossa mais cara e imediata aspiração. Poucos serão, talvês, os nossos colegas compenetrados dessa necessidade; muitos serão, porêm, os que protestarão, se revoltarão, ao ver cerceados os seus justos direitos, quando um dia — e talvez êle se aproxime — o Estado se lembre de aumentar a reduzida legislação sobre o exercicio da profissão, sem que o mesmo Estado encontre a oposição organizada contra disposições que, porventura, nos vexem.

Nós que vimos anotando quanto se regista nesse sentido, não seremos surpreendidos — a não ser pelo desgosto de nos encontrarmos impotentes, a — pesar — de termos cumprido o noso dever de agitar a urgente necessidade de nos organisarmos.

Um dos sintomas da reacção, que ha-de manifestar-se e ha de encontrar-nos desprevenidos, reproduzimo-lo do «Diario de Noticias» de 28 de Setembro e aqui o deixamos integralmente transcrito, para elucidação dos nossos prezados leitores. Reza assim: «Sob o titulo «Sociedades Anonimas», publicava o jornal que V. tão superiormente dirige a constituição duma comissão encarregada de estudar a forma de fiscalisar as S. A. de modo eficiente e em condições de poder ser exigida responsabilidade profissional aos individuos que procedam á elaboração das contas das mesmas sociedades». Como se trata de um assunto de importancia e como, devido á falta duma lei expressa que determine a responsabilidade profissional dos guarda-livros, o comercio está eivado de individuos que se cingem a escrever numeros sem criterio nem consciencia, venho lembrar a V. a ideia da criação duma carta de guarda-

-livros e uma lei que impusesse a obrigatoriedade dos relatorios assinados por guarda-livros encartados. E como ás teorias aprendidas em curso, é indispensavel um tirocinio, só seria concedida essa carta a quem tivesse tirado o curso num instituto oficial, e cinco anos de pratica proveitosa comprovada por documentos.

No entanto, como se não poderia de fórma alguma obrigar a tirar um curso a velhos guarda-livros encanecidos no seu oficio e que bastas provas têm dado da sua competencia profissional, esses individuos, desde que provassem que exerciam a sua profissão ha mais de 10 anos, seriam sujeitos a provas no Instituto Superior de Comercio perante um juri de professores categorisados.

Essa lei diria ainda que ficaria privado de exercer a profissão de guarda-livros, sendo cassada a carta, a todo aquele que fosse condenado por roubo, abuso de confiança e burla, que por incompetencia, desleixo ou outra qualquer causa originasse prejuizos, não só a quem prestasse serviços, mas tambem áqueles com quem este tivesse relações comerciais e que organizasse ou sancionasse resultados de exercicios que não fossem a expressão da verdade.

Os peritos contabilistas para as questões comerciais seriam em numero limitado, e recrutados entre os guarda-livros encartados por meio de concurso. E não só S. A. como todas as outras sociedades comerciaes deveriam ser obrigadas a ter os seu balanços assinados por guarda livros encartados para poderem fazer fé.

Talvez haja quem ache irrisoria esta minha ideia, demais a mais quando já se fabricam guarda livros em 24 horas, mas estou certo que aqueles que fazem desta profissão um sacerdocio, concordam com o que se subscreve.

De V., etc — *Um contabilista*

Justifica-se, sem duvida, a severidade deste alvitre, que julgamos no entanto, merecedor de reparos.

O leitor que os faça, enquanto nós lhe preguntamos:

—Que fará, só, desorganisado ou reunido á préssa com alguns colegas, no dia em que o Govêrno legisle no sentido indicado, ou em peores condições?

José Antunes.

SECÇÃO LITERARIA, ARTISTICA, MORAL E SCIENTIFICA

As fórmas de pensamento

A todo o momento é necessario fiscalisar a produção e emissão dos nossos pensamentos.

A vibração mental ou emocional, relacionada com a consciência, gera pensamentos que tomam vulto ou fórma no plano próprio onde se manifestam.

O pensamento produz, portanto, imagens de contornos mais ou menos definidos e moldados nos três principios gerais que presidem á produção de todas as formas - pensamentos.

1.º A qualidade dos pensamentos determina a côr;

2.º A natureza dos pensamentos determina a fórma;

3.º A precisão dos pensamentos determina a pureza dos contornos.

Para compreensão dêste importante fenómeno devemos fixar que cada plano de consciência tem o seu grau de essência elemental que está em relação com as vibrações mentais ou emocionais dêsse plano.

Assim como a luz branca contém em si as sete côres do espectro solar, que um prisma de cristal pode fazer decompor rápidamente á luz do sol, assim em nós existem os sete planos emocionais da consciência.

Se num disco de certa espessura lançarmos uma porção de areia e o fizermos vibrar sôbre a acção de uma nota musical, formam-se figuras aparentes e regulares determinadas por essa acção vibratória que atraem e dispõem os grãos de areia em contornos variados.

Assim sucede com o pensamento, que nada mais é do que uma vibração emocionante ou mental, a qual projecta para fóra de si uma porção vibratória que atrai a essência elemental correspondente ao plano em que vibra, materializando a ideia na matéria subtil dêsse plano.

Boas ou más, essas fórmas existem e perseguem o pensador; por isso, fiscalisar a sua producção é muito importante, evitando que se fórmem aquelas que nos podem afligir ou matar.

Bem diz o velho ditado: — «Dum mau pensamento Deus nos livre»

Silva Junior

«Transcrito de o «Sol do Porvir»

A distinta poetisa Sr.ª D. Maria Augusta S. Nogueira começa hoje a colaborar nesta secção com o belo soneto:

PORTUGAL

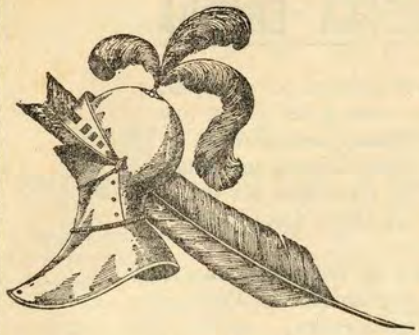
Meu Portugal! País do Sentimento!
Jardim florindo herois e trovadores!...
Ninho de amor, onde gorgeia amores
O rouxinol, com musical acento!...

Berço que tens para adormecimento
A voz do mar, carpindo estranhas dore
Por leito o cólo das mais lindas flores
E por docel o azul do firmamento.

Oh, pátria minha!... O teu luar parece
De saüdade e lágrimas!... Singela,
A flor de noiva em teus pomares floresce!...

Ah! sendo tam gentil, risonha e bela,
Se a Natureza coração tivesse,
Serias tu, por certo, o seio dela!...

Maria Augusta S. Nogueira



TORNEIO

SECÇÃO PARA OS NOVOS

DIAS RARDACENTOS

A's vêzes, quando a Mágua e o Sofrimento
Pungem o peito meu, com sânha atróz,
Sinto o desêjo bem louco e feroz
De odiar-te. Vê tu o meu tormento!...

Mas depréssa revem o desalento,
Embargam os soluços minha voz.
De nôvo, em carreira bem veloz,
P'ra ti vai o meu triste pensamento!...

E' que este Amôr, que julgo ha muito môrto,
Coitado, apênas 'stá adormecido!
No lethargo d'um triste desconfôrto...

Se pretendo arrancal-o d'esse abrigo,
Que é a minha alma—diz-me em som dorido:
Para quê? Se eu morrer que consigo?...

Covilhã. *HUGO.*

ELA!...

Olhos azues — luar cristalisado —
— Andam cegos meus olhos só de vê-los —
Fronte nevada e linda, aureos cabêlos,
Colo de leite e purpura formado.

Boca gentil — extrêma sedução —
— Um prodigio de graça. — As mãos, pequênas,
São da alvura das brancas açucénas,
O seu corpo é o ideal da Perfeição.

Sendo tão linda assim a minha amada,
Cheia de encantos, de beleza tanta.
Meiga no gesto, airosa, delicada,

Lembra... não sei... desencantada Infanta,
Vénus pagã, Gioconda celebrada...
— Quando sorri a sua graça encanta. —

Curvo Semêdo.

Maria Angelina

—Concordo com essas tuas palavras e tanto assim que já ha muito acalento a esperança de me bater; mas espero o momento propicio e então verás que Jorge é digno de teu amor e não desse olhar de censura que leio nos teus olhos tam meigos.

—Como és bom e corajoso! Olha, no dia que empunhares o arcabuz terás o mem primeiro beijo de amor...

E assim as horas corriam sem que eles o sentissem até o relogio da torre bater dez horas.

Já dez horas! como o tempo corre! Até amanhã, Jorge.

—Até amanhã Maria.—

Os acontecimentos precipitavam-se e no animo popular exaltado pelas violencias de 1845 ia-se fermentando a ideia da revolução.

Tudo se achava preparado, faltando só a centelha que produzisse a explosão.

Não se fez esperar muito.

A Junta de Saude decretou o enterramento dos cadaveres fora da igreja e o povo ofendido nas suas crenças levanta o brado de protesto.

Os sinos tocam a rebate, as mulheres juntam-se e lá vão buscar o cadaver de Custodia Tereza que elas proprias enterram na igreja, depois de arrebatar a cruz ao mordomo e o esquife aos homens que o conduziam.

Em vista destes temultos o administrador da Povoa de Lanhoso manda prender aquelas que mais se sobresairam e eis então que, Maria Angelina vê realisado o seu sonho.

Diz adeus a Jorge que de longe a segue e parte á frente das suas companheiras, de pistolas á cinta e carabina nas mãos.

Lenço atado para traz, trajos garridos, ninguem diria que era

uma revoltosa se não fôsse o aparato bélico com que se apresenta.

Chegadas á entrada da vila da Povoa param um pouco ante a casa de Maria Luísa Balaio como para tomar folego, soltam vivas á Maria da Fonte, á rainha, môrras aos Cabrais e investem a cadeia.

As portas a um sinal da heroína lascam, voam em rachas sob os golpes de machado e as cativas voltam a respirar o ar da liberdade no meio de uma calorosa ovação.

Mais alguns dias ainda de tumulto e Maria volta ao seu viver antigo, triste, sem aquela alegria que outrora a distinguia das outras aldeãs:

Jorge partira a enfileirar-se nas hostes do Padre Casimiro, batendo-se com denodo tanto nas escaramuças travadas na provincia, como na retirada do povo de Braga, quando o «Defensor das Cinco Chagas e Brigadeiro, comandante das forças populares do Minho e Traz os-Montes» os levou ali do acampamento do Bom Jesus.

Maria sabia que o seu amado era o primeiro no ataque e o ultimo na retirada, por isso, cada vez sentia uma paixão mais viva por ele, mas... nas horas do crepusculo quando o sino tocava ao Angelus, a alma invadia-se-lhe de tristeza e melancolia. Era aquela hora que ele costumava vir falar-lhe do seu amor, era aquela hora que a lua os vinha encontrar felizes e alegres enquanto os pastores recolhiam o rebanho ao aprisco, e agora, Diana vinha encontra-la meditabunda sentada no mesmo degrau da escada com a cabeça enterrada entre as mãos.

E á noite enquanto o corpo descançava das fadigas diurnas, o espirito mergulhava nas regiões ideais onde as dores morrem e via-o na primeira ala, firme como a rocha, valente como as armas, ou morto e abandonado na valeta da estrada com o peito varado por uma bala.

Então acordava com a face inundada de suor frio e a alma opressa por cruel dor. Conservava-se com os olhos abertos esperando o romper da alva enquanto o espirito voltava de nôvo a internar-se em doces pensamentos; nessas horas de meditação parecia-lhe ouvir, muito longe, palavras doces e meigas.

Uma tarde enquanto enchia o cantaro na fonte e o sol se escondia por detraz das serras vencido pelo manto negro da noite ouviu uma voz forte e sonora ao longe, muito sua conhecida.

Pouco depois ouvem-se passos rápidos sobre a areia do caminho e um vulto destingue-se. Maria corre de braços abertos:

—Jorge.

—Maria.

Um abraço une aqueles peitos onde pulsam dois corações unidos pelo amor e pelo mesmo ideal.

—¿Então vens para não mais voltares?

—Não Maria; não posso abandonar o meu logar e a guerra ainda não terminou. Achamo-nos acampados nas Sete Fontes; muitos tiveram licença de ir ver a familia: Eu tinha saudades, muitas saudades destes sitios e de ti, por isso vim ver-te mas volto de novo.

Já?! ¿Assim a vida te aborrece agora aqui? Não dizias que só desejavas viver a meu lado e agora mal chegas pensas logo em partir!...

— Como és injusta! Como o amor te cega não vendo que é o dever que me chama! Como olvidaste depressa as frazes com que me incitavas a combater!...

(Continua)

BEMDITA ERMIDA

Aos bosques solitários, onde chora,
Onde sorri e canta a luz da aurora
E casam passarinhos,
Foi, um dia, pedir-lhes uma alma,
Que no mundo vivia sem ter calma,
A paz ideal dos ninhos.

—Festejavam, os bosques, nesse dia,
—jubilosos, profundos de alegria, —
A primavera... a vir
Envolta numa luz real, intensa...
— Luz tão forte que o gelo se condensa,
Sentindo-lhe o sorrir!

Ramos e folhas de árvores gigantes,
Pareciam ornados a brilhantes,
—Da forma que luziam!...
E as aves-como que-num desafiio,
— Não consentido ouvir-se o perto rio,
Cantavam e sorriam;

Subitamente... tudo se calou
Perante a estranha voz que lhes falou
— Qual fonte de desditas!
— Voz de tristeza imensa, onde, chorando,
Pairavam — como nuvens no ceo brando —
Angústias infinitas!

—E a alma errante—a alma abandonada—
Ao ver aquela festa transtornada,
— Por culpa sua, apenas,
Foi esconder-se numa branca Ermida,
Que, dum alto, seguia a casta vida
Das solidões amenas!

—Essa Ermida — tão só — até aí,
Quando sentiu alguem junto de si,
Ficou mais branca e bela
E deu amor e luz e fogo e vida,
A' Essencia errante, triste, enfraquecida...
.....
—BEMDITA ERMIDA AQUELA...!

Armando Freitas.

NOTAS DE TEATRO

por *Guido Severo.*

COMPANHIA

SALES RIBEIRO — ALVES DA CUNHA

Esta Companhia que acaba de actuar no nosso primeiro Teatro, é constituida por um homogeneo grupo de artistas, todos bem conhecidos do nosso publico. Fez a sua estreia com «O DOMADOR DE SOGRAS», adaptação de Felix Bermudes, João Bastos e Hermano Neves, levando a seguir á cena «HEROES DO MAR», outra adaptação dos mesmos autores, e no Carnaval a revista «CAPICUA».

Nesta profunda decadencia da Dramaturgia Nacional a que vimos assistindo, bem assinalada pela carencia quasi absoluta de escritores dignos desse nome que façam obra sua, é curioso verificar-se como certos comediagrafos se engrandecem com o trabalho alheio, fazendo anunciar vaudevilles, comedias, etc., sem citarem os nomes dos seus verdadeiros autores, que ocultam debaixo da mascara da *adaptação* ou *arranjo*.

Ora devemos concordar que é muito mais consentaneo com a Razão publicaram-se os nomes dos genuinos produtores embora estrangeiros, do que estar-se só a dar a conhecer os nomes dos cavalheiros, que tiveram unicamente o trabalho de traduzirem as peças, ás vezes em português de galego, substituindo os seus logares de acção e nacionalisando os nomes dos personagens,

Assim ficamos ignorando quem são os autenticos paes das crianças, conhecendo somente os padrinhos.

Estas considerações, provem do facto de se terem ocultado com intuitos bem transparentes, os nomes dos autores *de verdad* das comedias supracitadas.

O dessoramento intelectual de certos plumitivos é tão grande, que até vi ha pouco tempo anunciada uma revista original de cinco autores!!!

«O DOMADOR DE SOGRAS» é uma comedia burlesca, onde uma sogra ferina, ciosa dos seus pergaminhos de fidalga *vieille roche*, põe o sal na moleira a um genro plebeu despido de quaesquer perconceitos, submetendo-se finalmente aos estalidos do chicote de um domador de feras providencial, que aparece salvando da morte a filha daquela. A peça é interessante e está recheada de situações picarescas, ainda que o final do segundo acto redunde numa palhaçada mais propria para um grupo dramatico provinciano, do que para sêr representada no Teatro de S. João. Mas, é preciso atrair o publico arredio do Teatro, por qualquer fórma...

«HEROES DO MAR» comedia egualmente engraçada, não entra tanto nos dominios do brulesco, como a outra peça supracitada, e trata a historia dum casamento não realisado. dum vegete com uma menina que se deixa apaixonar pelo velho, julgando sêr ele o seu salvador de morrer afogado numa praia qualquer. Um acasalamento de cães provoca tambem uma confusão curiosa, dando logar a situações pronunciadamente homoristicas.

«CAPICUA» revista de Felix Bermudes e João Bastos, sem pretenções, pois fôi escrita para sêr representada na quadra carnavalesca, ouve-se com agrado, embora nada apresentando de novidade, reproduza motivos muito conhecidos, como sejam, por exemplo: os amôres de Colombine com Arlequim e de Pierrette com Pierrot, não esquecendo a indispensavel serenata, á luz argentea da Lua, etc. A musica é original de varios autores, embora no cartaz só figurem os nomes dos *maestros* que a coordenaram.

As interpretações são egualmente bôas. Principiemos pelas senhoras: Deolinda Sayal, ha muito tempo afastada dos nossos tablados, tem nas comedias dois papeis movimentados e de sugestiva graciosidade. O que lhe não perdôo, é a toilette exibida no 2.º acto do «DOMADOR DE SOGRAS», que não obedecendo com certeza a nenhum figurino de modista moderna, deve têr sido executada simplesmente para marcar pela excentricidade e pelo ridiculo, o que no papel de mulher *chic* desempenhado por Deolinda, não tem logar nenhum. Luiza Durão, uma actriz que não via desde os seus primeiros vôos ha uns 15 anos aqui no Porto, no hoje abandonado Apolo Terrasse, está uma comediante perfeita, notando que tem especial predilecção pelas *caracteristicas*. Palmira Torres, artista de categoria, desempenhou primitivamente no «DOMADOR DE SOGRAS» com todo o brilho o papel de dactilografa, a que imprimiu toda a comicidade exigida. Presentemente esse papel está a cargo de Dina Moreira, que não resiste ao confronto com aquela sua colega, pois as *caracteristicas* não estão dentro das suas fracas possibidades artisticas. Teresa Gomes, defendeu-se conforme pôde no terrivel confronto com a grande Maria Matos, no ingrato papel de sogra. Deolinda de Souza, uma risonha esperança que desponta, vestindo toilettes de finissimo gosto agradou nos seus trabalhos, quer nas comedias, quer na revista.

Quanto aos homens: Augusto Costa, sempre muito bem caracterizado, valorisou os seus personagens, com engraçados pormenores e sem exageros, o que nos tempos correntes é muito para apreciar. Sales Ribeiro, dentro da simplicidade de processos de que usa, muito correçto. Alvaro de Almeida, artista de recursos, educado artisticamente pelo grande Afonso Taveira, otimo e com detalhes muito bem observados. José Victor, actor consciencioso, muito bem especialmente no velho mordomo do «DOMADOR DE SOGRAS». Aurelio Ribeiro, no provinciano dos «HEROES DO MAR», magnifico nessa figura acentuadamente caricatural; egualmente tirou todos os efeitos comicos possiveis, da rabula do «Forasteiro» da revista. Adriano Guimarães e Mario Cassagne contribuiram dentro das suas forças para o equilibrio dos conjuntos.

A enscenação das comedias é rasoavel, sendo os *interiores* cuidados com esmero; e a revista ostenta lindas cortinas de aprimorado gosto artistico.

F. J. Agostinho Silva

COMERCIALISTA

pelo Instituto Industrial e Comercial de Lisboa e antigo sub inspector das alfandegas. Rua do «Comercio do Porto», 118 2.º—Porto.

—

Trata de qualquer assunto concernente ao serviços aduaneiros, mas de preferencia os respeitantes ao contencioso fiscal e administrativo.

Consultas todos os dias uteis, das 11 ás 13 horas, ***gratis para os assinantes de «A Voz do Comercio» e para os socios da «Associação dos Contabilistas e Guarda-Livros do Norte de Portugal».***

Este numero foi visado pela Comissão de Censura

PAPEIS PINTADOS

E OLEADOS

Decorações desde os mais modicos preços, ás mais luxuosas, executam-se com os mais MODERNOS PAPEIS e fino gôsto na

CASA FIGUEIREDO

9, Rua Passos Manuel, 11

FIGUEIREDO & MOREIRA, L.DA

ENVIAM-SE AMOSTRAS

FÁBRICA DE SERRAÇÃO E CAIXOTARIA

SILVA, SÁ & C.A

ESMORIZ

Execução rapida — Fabrico perfeito

Carrregamento de madeiras escolhidas

Optimas condições de venda

AGENDA

Contribuições

FEVEREIRO

Durante este mês pagam-se, com juros de mora, a Taxa Militar de 1928. E respeitante ás contribuições: Predial e Taxa Complementar e ao Imposto de Transacções, a 1.ª e 2.ª prestações que não foram relaxadas em Dezembro, e a 3.ª prestação.

MARÇO

Desde 1 deste mês até 1 de Abril, inclusive, pagam-se, com juros de mora, a Taxa Militar e as 1.as 2.as e 3.as prestações das contribuições Predial, Taxa Complementar e Imposto de Transacções.

Findo aquele praso serão logo relaxadas ao Tribunal das Execuções Fiscais.

Até 31 de Março entregam-se na Repartição de Finanças, num só impresso, as declarações para liquidação da Taxa Anual e da Taxa complementar e pode requerer-se a liquidação da Contribuição Predial em 4 prestações.

Coisas que é bom conhecer

O cancro e o Maracujá

O Maestro Elias Lobo dirigiu ao *Correio Paulistano* uma carta, em que narra o seguinte facto:

Um velho, residente em Sorocaba e que sofria dum cancro no beiço, ao chupar um maracujá, sentiu fortíssimas dôres, atirando-o fóra.

Melhorando sensivelmente, atribuiu essa melhora ao maracujá; voltou a ele, chupando-o todos os dias. Cairam, em breve, as cróstas da ferida e o velho acha-se completamente são!

Aconselharam a uma cancerosa de Vila Nova de Gaia, cujo cancro já tinha aberto, e, portanto, que estava em estado mui grave, a que fizesse chá de violetas — folhas e flores — para beber e fazer lavagens.

Assim fez e, por isso, o cancro desapareceu e ela ainda vive e tem saude.

Um assinante de Gaia.

REVISTA BRAZILEIRA DE CONTABILIDADE

Periodico Mensal de Estudos Scientificos e Praticos de Contabilidade e Sciencias Economicas e Comerciais

Director — *Francisco d'Auria* Assinatura anual adeantada 25$000

NUMERO AVULSO 2$500

Redacção e Administração: Avenida Rio Branco, 47-3.º andar — **Rio de Janeiro**

A' VENDA NA REDACÇÃO DESTA REVISTA

Curso de contabilidade por *Francisco d'Auria*, em dez volumes

Volumes publicados:

IV—Contabilidade Industrial . . . . . 12$000
V—Contabilidade Mercantil . . . . . 12$000
VI—Contabilidade Bancaria . . . . . 12$000
VII—Contabilidade de Emprezas Diversas . . . 20$000
VIII—Contabilidade Publica. . . . . 25$000
IX—Matematica Comercial . . . . . 12$000
X—Matematica Financeira . . . . . 12$000

Sairá brevemente: III — Contabilidade Agricola e Pastoril

Em preparo: I—Contabilidade Teoretica.
II—Contabilidade Domestico—Patrimonial